

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS: DA CONSTRUÇÃO TEÓRICA À CLÍNICA CONTEMPORÂNEA



RIBEIRO, Laís Aparecida ¹
TOLEDO, Jaqueline Duque Kreutzfeld ²

RESUMO

O tema desta pesquisa permeia o texto “a interpretação dos sonhos” desde sua construção teórica até sua incidência na clínica contemporânea. O eixo condutor dentro desse tema tão complexo foi compreender sua importância na construção da psicanálise. A questão que se pôs frente à pesquisa foi compreender como essa obra, que data do início do século passado, pode contribuir para a clínica contemporânea, sendo que os sujeitos afastados por esse tempo histórico são diferentes naquilo que desafiam a clínica. Este artigo tem como objetivo compreender a importância da obra a “Interpretação dos Sonhos” no embasamento teórico da psicanálise e suas consequências clínicas. Para compor a fundamentação teórica, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, pesquisa qualitativa e exploratória. O conteúdo do artigo faz menção a todo o processo do sonho e sua ligação junto ao desejo, fazendo uma ponte do inconsciente com o consciente, e ainda assim ressalta como essa experiência tem sido vivida na clínica da atualidade. O fechamento da pesquisa busca pontos importantes no embasamento da psicanálise contemporânea e apontamentos importantes no que se refere ao trabalho junto aos pacientes/sujeitos que chegam à clínica, esvaziados da capacidade simbólica.

PALAVRAS-CHAVE: Desejo. Elaboração Onírica. Inconsciente. Simbólico.

1 Bacharelada em Psicologia - UNIFAGOC. lalaribeiro@yahoo.com

2 Docente do curso de Psicologia - UNIFAGOC. jaqueline.toledo@fagoc.br

INTRODUÇÃO

A Interpretação dos Sonhos, de Sigmund Freud, é uma das obras mais importantes criadas no século XIX. O autor afirma que os sonhos possuem um sentido, que se trata da realização de desejos, e são uma produção e comunicação do sonhador em nível inconsciente (GARCIA-ROZA, 2009). Nesse caminho, o artigo se justifica pela importância dos sonhos na articulação do embasamento teórico psicanalítico e das consequências clínicas advindas dele, sendo de grande pertinência permear sua incidência no sujeito contemporâneo.

A busca pelo tema proposto se iniciou a partir do primeiro contato com o assunto, instigando à compreensão do processo de elaboração onírica que deforma o conteúdo latente (inconsciente) de forma tão primorosa, trazendo-o ao consciente naquilo que é possível se dizer ao sujeito sobre seu desejo. Ainda se impôs como questão o papel do analista frente a essa empreitada analítica, aceitando o desafio de ouvir um enredo, a princípio desarticulado e – por que não? – bizarro, para dar-lhe, junto ao paciente, sentido dentro de uma história, o sentido do inconsciente.

O método de interpretação do sonho proposto por Freud é o analítico, que se contrapõe ao simbólico e ao deciframento, propondo uma inovação ao enfatizar a singularidade do sujeito na experiência do sonhar e criticando a ideia

dos códigos relacionados aos signos oníricos, chamados de chaves dos sonhos (BIRMAN, 2014).

O sonho continua sendo uma ferramenta importante na análise do paciente, porém, agora, ele passa por questões relativas no que tange seu lugar dentro de uma sessão. Na contemporaneidade, não mais se dedica a uma tradução detalhada dos elementos como no modelo freudiano, voltando-se a atribuir uma importância maior às associações que o paciente traz, o que já teria sido recomendado por Freud (MOTA, 2013).

Atualmente, o analista busca atender-se ao discurso do paciente, usando como medidor o próprio sentimento do profissional, questionando determinada fala, ignorando algumas vezes a interpretação do conteúdo trazido, como também o conteúdo do sonho, optando por interpretar seu papel na situação transferencial, levando em consideração a atenção flutuante, o sentimento que o relato provoca e sua função na sessão; e obtendo a liberdade de analisá-lo, abrindo espaço para que possam surgir novos sonhos (MOTA, 2013).

A compreensão da interpretação dos sonhos no embasamento teórico da psicanálise tem sua implicação no que se refere ao sentido atribuído pelo sonho, bem como toda descoberta posterior a ele; assim sendo, a pessoa que sonha sabe o significado de seu sonho, porém não tem ciência de que o sabe, devido ao trabalho da censura. Desse movimento compreendemos que o sentido do sonho é o que será interpretado, através do relato feito pelo sonhador. Porém, anos mais tarde, os sentimentos que foram despertados nos analistas culminaram em consequências clínicas, fazendo com que outros métodos fossem adotados (GARCIA-ROZA, 2009).

Este artigo tem como objetivo geral compreender a importância da obra “A Interpretação dos Sonhos” no embasamento teórico da psicanálise e suas consequências clínicas.

METODOLOGIA

Para a elaboração da pesquisa, em primeiro lugar foi feita a escolha do tema a ser explorado conforme as inclinações propostas, que de longa data tem sido algo de grande convocação. Em seguida, foi traçado, juntamente com a orientadora, um plano de trabalho, pautado primeiramente em objetivos geral e específicos, a fim de direcionar o levantamento dos materiais adequados para sua realização (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Traçado o norte do trabalho, foi realizado um levantamento de materiais, tais como artigos bibliográficos e livros, por meios eletrônicos e obras físicas, referentes ao tema abordado em “Interpretação dos Sonhos”, discutido e aprimorado por diversos autores. A caminhada consistiu na seleção cuidadosa dos textos que melhor atendiam aos objetivos traçados para a sua construção, buscando maior clareza sobre o tema, bem como a compreensão do seu processo histórico e suas colaborações no âmbito psicanalítico (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Quanto à finalidade, o trabalho se constituiu em pesquisa básica, com o objetivo de adquirir conhecimentos a fim de contribuir com o avanço da ciência. Para tal, foi feito o acúmulo de informações que eventualmente contribuiriam para chegar aos resultados esperados (FOTELLES; SIMÕES; FARIAS, 2009).

Como forma de abordagem, a pesquisa se configurou como qualitativa, pois caracterizou-se pela busca da compreensão de fenômenos complexos específicos, de natureza social e cultural, por meios de interpretações e comparações. Essa forma de abordagem é mais participativa, porém menos controlável (FOTELLES; SIMÕES; FARIAS, 2009).

Quanto aos objetivos, o artigo se apropriou de pesquisa exploratória, a qual tem em vista aproximar pesquisador e tema, com a finalidade de articular fatos e fenômenos relacionados ao problema do estudo, buscando informações, sobretudo para conhecer o tipo de relação (FOTELLES; SIMÕES; FARIAS, 2009).

Para o procedimento técnico, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, realizando uma análise de material já publicado referente ao tema. Essa pesquisa foi utilizada para compor a fundamentação teórica, feita a partir da análise sistemática de livros, periódicos, textos e material disponibilizado na internet, fornecendo suporte para a escolha do tema, a definição da pesquisa e dos objetivos, bem como para a elaboração das hipóteses, das justificativas e do corpo do trabalho (FOTELLES; SIMÕES; FARIAS, 2009).

REFERENCIAL TEÓRICO

A importância do processo onírico na fundamentação teórica freudiana

Em sua obra “A Interpretação dos Sonhos”, publicada no final de 1899, Freud registra que “o sonho é a estrada real que conduz ao inconsciente”, configurando-se este em um modelo para compreensão das leis que regem o inconsciente, entre elas o processo primário. Assim, o sonho torna-se o grande portal de acesso da psicanálise ao inconsciente, podendo ser compreendido os sintomas, e demais mecanismos como expressão de nosso desejo (SILVA, 2012).

A principal maneira que o desejo tem de aparecer, de estar além da barreira da censura, é na ocorrência da distorção, isto é, o sonho manifesto. Freud denomina esse trabalho de elaboração onírica ou processo onírico (GARCIA-ROZA, 2009), cujo objetivo é transformar o conteúdo latente em manifesto, fazendo com que este se torne inacessível ao sonhador, pois é suportável, já que diz sem dizer, autoriza-se no absurdo da cena onírica, com o alívio de poder dizer que é só um sonho. Todo esse processo ocorre, segundo Freud, através de quatro mecanismos fundamentais: a condensação, o deslocamento, a figuração e a elaboração secundária (GARCIA – ROZA, 2009).

O sonho se inscreve, portanto, em dois registros: o que corresponde

ao sonho lembrado e contado pela pessoa, e um outro oculto, inconsciente, que pretendemos atingir pela interpretação. Ao material do primeiro, Freud chama conteúdo manifesto do sonho, e ao do segundo da o nome de pensamento oníricos latentes. Encontrar o sentido de um sonho é percorrer o caminho que nos leva do conteúdo manifesto aos pensamentos latentes, e o procedimento que nos permite isso é a interpretação. (GARCIA-ROZA, 2009, p. 64).

Cabe aqui trazer um apontamento sobre a tradição do romantismo, que salientava a dimensão presente na experiência do sonhar. Essa tradição tinha consigo a popularidade da leitura dos sonhos, trazendo a potência de revelação presente nele, o que se dava tanto da ordem bíblica quanto da greco-romana. Essa experiência foi valorizada na potencialidade simbólica, que culminou em dois métodos de interpretação: o simbólico e o de deciframento (BIRMAN, 2014).

Já o método proposto por Freud se difere do simbólico e do deciframento, na medida em que o que se interpretam as partes separadas do conteúdo do sonho, considerando que um fragmento pode encobrir um sentido diferente daquele transmitido à pessoa. Sua interpretação é gerida pelo trabalho da análise, de acordo com o que é relatado pelo sonhador perante a associação livre. É sobre esse método de interpretação que o referente artigo se direciona (MELO, 2005).

O mecanismo presente no processo de elaboração onírica

Os sonhos são constituídos de traços mnêmicos do que já fora vivido pela pessoa, assim como fatos que vieram a acontecer na infância que ainda têm sua potencialidade em dias atuais, ocorrendo em uma dinâmica inconsciente. Em um primeiro momento, o sonho é percebido

como algo bizarro, que se figura desde o cômico até o trágico, contendo apenas fragmentos da realidade, tornando algo muito indefinido de início, por sua elaboração inconsciente (SILVA, 2012).

Freud percebeu que os sonhos eram bem mais que uma produção alucinatória ou fantasiosa. Em seus estudos, usou os sonhos como premissa para as associações livres, que desempenhava a função de conduzi-lo até ideias inconscientes, que se ocultavam atrás de sonhos e sintomas. Esses conteúdos latentes passaram pelo crivo da censura e só foram autorizados a acenderem a consciência porque foram deformados pela atividade onírica, sendo a principal matéria-prima do sonho, o pensamento, possuindo este sentido e valor (SILVA, 2012).

Freud pondera três variedades dos sonhos. A primeira é tratada como inteligíveis classificados como sonhos curtos e compreensíveis, são realizações de desejos que não se carregam de disfarces, mais comuns na infância, ocorrendo também nos adultos; segundo Melo, “são os chamados sonhos de conveniência” (2005, p. 60). A segunda trata-se de sonhos que possuem coerência e clareza, porém despertam sentimento de incômodo no sujeito, levando-o a questionamentos. Por último, os sonhos que são desprovidos de sentido, que se mostram confusos e sem coerência, pelo trabalho da elaboração onírica (MELO, 2005). É sobre este último que este estudo se debruça.

Tal processo onírico é caracterizado por Freud ao longo de sua obra por seis características fundamentais. A primeira menciona os sonhos como realizações de desejos, produzindo o aspecto de experiência e satisfação. A segunda considera que as ideias oníricas são de caráter alucinatório, sendo o sonho uma possibilidade de regressão. Na terceira categoria, estão as conexões absurdas, que ocorrem por dois motivos: pela compulsão associativa (objetos que vêm associados por similaridade) e pelo esquecimento que atinge as experiências (ao acordar se esquece do sonho em sua totalidade).

A quarta categoria diz respeito à descarga

motora (pois nos sonhos ficamos paralisados). Na quinta nos damos conta de que a lembrança dos sonhos é fraca, e a última categoria se caracteriza pela consciência que os sonhos fornecem (SILVA, 2012).

Além das características, Freud aponta os mecanismos fundamentais para que a elaboração onírica ocorra: a condensação, o deslocamento, a figuração e a elaboração secundária.

O mecanismo de condensação corresponde ao fato de o conteúdo manifesto ser uma tradução mascarada do conteúdo latente, ou seja, menor que o latente, jamais acontecendo o contrário. A condensação desenvolve sua função podendo operar de três formas: fazendo a omissão de determinado conteúdo latente, permitindo que apenas um fragmento do sonho latente apareça no manifesto, e/ou combinando vários elementos que forneçam algo semelhante em um elemento manifesto (GARCIA-ROZA, 2009).

Principal característica do sonho, a condensação une uma sequência de material que fora submetido ao movimento do sonho. Se todos eles dizem de um desejo do sonho, é possível que um desejo esconda outro; em outra perspectiva, o desejo ofertado é que é explorado, tornando o espaço do sonho pluridimensional. (GREEN, 2010).

A condensação é uma das formas primordiais do movimento inconsciente, o que age transformando experiências diversas em uma única representação. Esse movimento ocorre não apenas no que se trata da questão dos sonhos, mas opera também nos sintomas e em outros processos inconscientes (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001):

O mecanismo de condensação, analisado no sonho, não é específico dele. Em A psicopatologia da vida cotidiana (Zur Psychopathologie des Alltagslebens, 1901) e O Chiste e as suas relações com o inconsciente (Der Witz und seine Beziehung, 1905), Freud estabelece que a

condensação é um dos elementos essenciais da técnica do chiste, do lapso, do esquecimento de palavras, etc.; em A interpretação dos sonhos, nota que o processo de condensação é particularmente sensível quando atinge as palavras (neologismos). (p. 88).

O deslocamento também é obra da censura dos sonhos e atua de duas maneiras: substituindo um elemento latente relacionado ao primeiro por outro que seja uma referência vaga; e quando a intensidade é mudada de um conteúdo importante para outro sem importância (GARCIA-ROZA, 2009).

Qualifica-se pela sua capacidade de transferir a intensidade em sua totalidade de uma representação para outra, ou outras. Fenômeno este que além de ter sua especificidade no movimento dos sonhos muito nítida, também ocupa seu espaço em todas as elaborações do inconsciente, sendo de importância ressaltar sua articulação com as neuroses (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001): “Está ligada à verificação cínica de uma independência relativa entre afeto e a representação e à hipótese econômica que a explica: Uma energia de investimento “...que pode ser aumentada, diminuída, deslocada, descarregada” (p. 116).

Partindo do que se entende por transferência de energia, confere-se o êxito do processo primário, onde ocorre a substituição da quantidade de energia. No processo secundário, o trabalho desse mecanismo acontece com uma menor carga de investimento, fazendo com que o afeto seja extinto e a energia seja realocada, substituindo a representatividade pelo movimento da somatização, exemplificando a neurose obsessiva (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

O mecanismo de figuração consiste na seleção e na transformação dos pensamentos do sonho em figuras (imagens), o que não afeta a totalidade dos pensamentos oníricos. Esse mecanismo é um dos responsáveis pela distorção

decorrente da elaboração onírica, responsável por fazer com que o conteúdo latente seja distorcido em manifesto (GARCIA-ROZA, 2009).

Por sua vez, o último mecanismo, a elaboração secundária, atua como modificador do sonho, a fazer com que ele se apresente com coerência e compreensibilidade em seu enredo, tendo como objetivo fazer a aproximação do sonho com acontecimentos ocorridos durante o dia. Porém, Freud, em seu artigo “Psicanálise”, faz um relato referente ao porquê de esse mecanismo não se incluir na elaboração onírica (GARCIA-ROZA, 2009).

Freud declara que, “estritamente falando, este último processo (a elaboração secundária) não faz parte da elaboração onírica (Freud, ESB, v. XVIII, p. 293), pois ela incide sobre um material já elaborado pelos outros mecanismos. No entanto, em A interpretação dos sonhos (ESB, vs. IV-V, pp. 525-27), ele confere à elaboração secundária um papel ativo na formação do sonho ao apossar-se de um material já pronto – o das fantasias diurnas – e introduzindo-o no conteúdo dos sonhos. (GARCIA-ROZA, 2009, p. 68-69).

O trabalho do analista frente aos sonhos consiste na articulação dos conteúdos relatados para que haja a elaboração de fato, a qual, não havendo a interpretação, ficaria perdida, por haver grande resistência ou – melhor dizendo – a censura o impediria de elaborar o significado. Assim como o paciente ao relatar seu sonho durante a sessão, tem o intuito de que este seja transformado em linguagem verbal, na busca por seu significado (MOTA, 2013).

A interpretação dos sonhos na clínica psicanalítica contemporânea

Na contemporaneidade, alguns autores tratam e abordam a questão dos sonhos de forma

distinta à que Freud faz em sua descoberta no século XIX.

Um desses autores propõe um aumento dos sonhos em quatro esferas. Trata-se de símbolos verdadeiros, responsáveis pela comunicação do estado interno do sonhador; de fatos alucinatórios que não podem ser processados (ocorrendo quando o id está exposto, como nas psicoses); sonhos com conteúdos simbólicos, comunicados com o intuito de manipular a relação transferencial; e sonhos embrionários, projeções para obter compreensão, conteúdos em busca de um continente (MOTA, 2013).

Há sonhos em que o analista é puxado pelas encenações para que se identifique com objetos internos do paciente. Em casos assim, o analista tem a necessidade de se desprender e se colocar na posição de observador, dando ênfase para interpretar a situação transferencial, pois ao contrário, se encaixaria em uma encenação (MOTA, 2013).

O analista deve levar em consideração a atmosfera transferencial em que o paciente relata seu sonho, não se distraindo com a descrição do conteúdo. O ideal seria a ligação do intrapsíquico com o interpessoal, o intersubjetivo, quando o analista consegue salientar os objetos internos do paciente e restabelece uma conjuntura triangular, criando o espaço simbólico, o que promove a circulação, a compreensão e elaboração das fantasias inconscientes (MOTA, 2013).

Têm sido acrescentados também outros desenvolvimentos contemporâneos, porém referentes às teorias tradicionais, como o que faz menção ao papel do analista, que, ao realizar as interpretações e pelo insight, além de atender-se a algo oculto, também dá visibilidade às representações emocionais, rearticulando significações de planos simbólicos diversos, gerando novas possibilidades de vivências, produzindo novos significados, ampliando não só o desenvolvimento emocional, como também o pensar (MOTA, 2013).

Os sonhos que são expressos pela figuração (representação) geram um pictograma emocional, um conjunto de experiências que

tornam possível a recordação de vivências e memórias, adquirindo futuramente forma discursiva por meio da linguagem. O sonho, então, é uma maneira de pensar que transforma afetos em lembrança e estados mentais, o que reflete ainda na relação de transferência (MOTA, 2013).

O sonho tem perdido o lugar da linguagem, da fala, ocupando o lugar da imagem, acarretando a diminuição da dimensão de temporalidade, tendo ênfase na espacialidade, o que já havia sido citado por Freud, dessa construção, implicando a elaboração onírica, melhor dizendo, que na contemporaneidade o sujeito encontra-se nessa precariedade onírica (BIRMAN, 2014).

Cabe ponderar que atualmente a experiência do sonhar não parte mais de uma realização do desejo ou da satisfação; o que tem movido essa experiência está intrinsecamente ligado à dor, à insatisfação, o que remete à compulsão de repetição. Se a dor ocupa esse lugar de tamanha pertinência, entendemos com clareza a ocupação do espaço e a extinção do tempo, perdendo a capacidade de simbolização, em que temos como objeto de trabalho a imagem propriamente experimentada, gerando a compulsão à repetição, que se entende como apresentação, e não mais a representação, do que transcorre no campo analítico como problemática (BIRMAN, 2014).

Com a precariedade onírica, o campo do real passa a ocupar o psíquico, retirando o lugar do desejar e do sonhar, não havendo espaço para que haja um horizonte sobre o qual se debruçar, pois se está permeado pelo aqui e agora. Essa incapacidade de simbolizar acaba por impactar no trabalho do analista, levando-o a buscar novas estratégias de articulação com esse sujeito, provocando-o na intenção de causar curiosidades e inquietudes, com a finalidade de que possa emergir o simbólico (BIRMAN, 2014).

Na atualidade estaríamos no mundo do informe, sem poder sonhar e desejar, mutilados que estamos de nossas possibilidades de fantasmarmos,

sendo engolidos pela dor de existir e pelo pesadelo. É o real, no que existe de mais desértico, que sintetiza a nossa atualidade na sua nudez. É o deserto do real que delinea o campo do sujeito hoje, na ausência de qualquer horizonte possível. (BIRMAN, 2014, pág. 51).

CONCLUSÃO

A interpretação dos sonhos foi intitulada um marco na estruturação da psicanálise, e com o tempo novos autores (pós-freudianos) se debruçaram sobre o tema. O tema continua atual, sendo convidativo para auxiliar na compreensão dos fenômenos do inconsciente na clínica e na vida cotidiana.

O direcionamento da pesquisa se deu na articulação dos sonhos e das consequências apresentadas na clínica contemporânea, que transcorrem na ordem da elaboração onírica, destrinchando pontos importantes para a compreensão desse processo.

Durante a construção da pesquisa, foi possível distinguir o método proposto por Freud em detrimento de outros, isto é, a análise do sonho, o que nos retorna à elaboração onírica. Assim, compreendemos a importância do mecanismo do sonho como mobilidade de transformação de energia e material real em simbólico. O sonho é ferramenta essencial dentro do trabalho de análise quando relatado ao analista, pois se trata da simbolização, processo natural e complexo da subjetividade humana.

Foi percebida na atualidade a precariedade dessa capacidade de simbolizar, junto à escassez do processo onírico. Esse movimento reflete-se inteiramente no encontro com o real, uma sociedade cada vez mais à mercê da dor e da insatisfação, incapaz de permear saídas para o sofrimento e as questões do desejo, o que influencia fortemente a clínica contemporânea. O sujeito está cada vez mais

esvaziado da possibilidade de elaborar suas repetições, revela a falta de norteamento como visão de futuro, ou elaboração do passado, o que aumenta as ocorrências de pesadelos e a insatisfação.

Como apontamento importante ao trabalho do analista, visa-se o aprimoramento de técnicas analíticas para a interpretação dos sonhos dentro do contexto contemporâneo, investindo em pesquisas que favoreçam aos profissionais da psicanálise, dando-lhes suporte para atuar junto a essa clínica contemporânea.

Como desafio para as futuras pesquisas que vierem a ser desenvolvidas, sugere-se que seja realizada a ampliação da literatura referente à articulação sonho e clínica contemporânea, principalmente na compreensão dessa travessia, para que se obtenha um maior suporte ao lidar com o sujeito na contemporaneidade, principalmente no que tange a elaboração onírica. Sabe-se que esse é um campo em que poucos profissionais têm total conhecimento, portanto há necessidade de que se desenvolvam novas pesquisas sobre o assunto, já que se trata de um tema ainda em contexto de construção.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, J. O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. V. IV, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GARCIA-ROZA, L. A. FREUD e o inconsciente. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2009.
- GREEN, André. Do “projeto” à “interpretação dos sonhos”: ruptura e fechamento. Revista Brasileira de Psicanálise, Paris - França, v. 44, n. 1, 2010.
- FONTELLES, M. J. et al. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. Pará, 2009.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário da psicanálise. 4. ed. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda, 2001.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia

científica. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2010.

MELO, J. C. As faces do inconsciente: perspectivas da psicanálise e da grupoanálise. 1. ed. Lisboa: Climepsi Editores, 2005.

MOTA, Regina. L. B. A interpretação dos sonhos na clínica contemporânea. Revista da SBP de PA, Brasília-DF, v. 15, n. 2. 2013.

SILVA, G. R. O sonho e a psicanálise freudiana. Revista EnsiQlopédia – FACOS/CNEC Osório, v. 9, n. 1, Rio Grande do Sul, 2012.